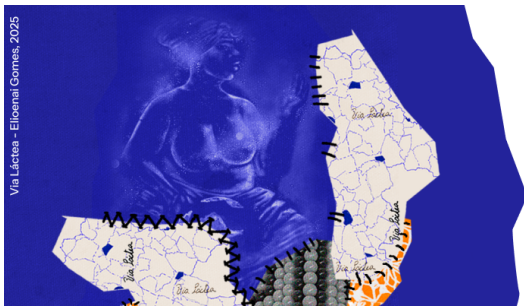




MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES I E II: LITOGRAVURA E A DOCÊNCIA ARTISTA MULTIPLE MANIFESTATIONS I AND II: LITHOGRAPHY AND ARTIST TEACHING

Jennifer Cristiny de Souza Lima¹

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Luciana Borre²

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo: Este artigo consiste em relatar a criação da série de litogravuras têxteis “Múltiplas Manifestações I e II” tendo como principal questionamento: como as narrativas autobiográficas podem ecoar nos processos de ensinar, aprender e artistar? O foco metodológico está centrado na Pesquisa em Artes de cunho autobiográfico. O principal objetivo foi compreender como as discussões étnico culturais e religiosas permeiam os processos de criação e o ensino das Artes Visuais. Ao concluir a pesquisa entendemos que o investigar espiritual como narrativa de si/autobiográfica pode ser fonte potente para a formação do docente artista. Ao abranger também nossas vivências como personagem ativo do processo de criação em conjunto com intencionalidades educacionais, conseguimos explorar campos de pesquisa étnico-culturais-religiosos que interferem diretamente no fazer artístico e no fazer docente.

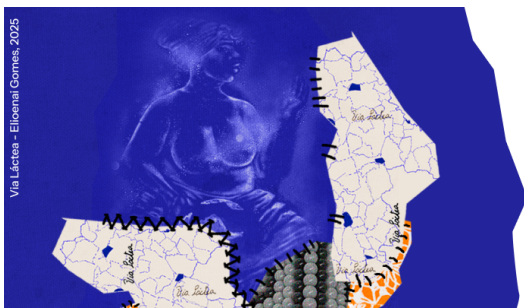
Palavras-chave: litogravura; artes visuais; docência artista; processos de criação.

Abstract: This article describes the creation of the textile lithograph series "Multiple Manifestations I and II," addressing the following main question: how can autobiographical narratives resonate in the processes of teaching, learning, and artistry? The methodological focus is on autobiographical research in the arts. The main objective was to understand how ethnic, cultural, and religious discussions permeate the creative processes and teaching of the visual arts. Upon completion of the research, we understood that spiritual inquiry as a self-narrative/autobiographical narrative can be a powerful source for the training of artist teachers. By also encompassing our experiences as active participants in the creative process, combined with educational intentions, we were able to explore ethnic, cultural, and religious fields of research that directly influence artistic and teaching practices.

Keywords: lithography; visual arts; artist teaching; creative processes.

¹ Artista Visual, bolsista PIBIC/UFPE, graduanda em Artes Visuais/UFPE. Técnica em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Pernambuco/IFPE. Integrante dos grupos de extensão Laboratório de Litogravura e Gravura/UFPE. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8640978501423186>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4677-492X>.

² Professora nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Arte e Cultura Visual, mestra em Educação, especialista em Gestão Escolar e pedagoga. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9232357001079673>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1929-3734>.



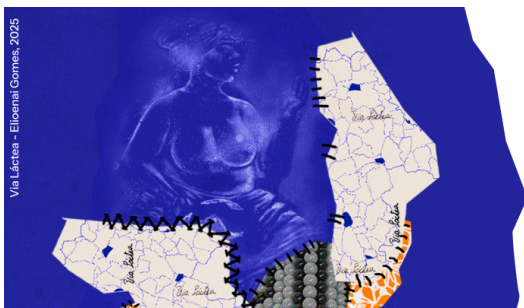
APRESENTAÇÕES INICIAIS

Neste recorte da pesquisa de iniciação científica “Litogravura e a docência artista” apresentaremos os processos de criação das obras “Múltiplas manifestações I” e “Múltiplas manifestações II” realizadas por meio da litogravura em 2024 e 2025, imbuída com problematizações no campo das questões étnico culturais e religiosas. O foco metodológico está centrado na Pesquisa em Artes de cunho autobiográfico. Os processos de criação foram construídos no Laboratório de Litogravura da UFPE, espaço de referência na prática técnica e artística litográfica pernambucana. Ressaltamos, porém, que não pretendemos apresentar aqui métodos como práticas definitivas, mas sim, possibilidades processuais pertinentes à litografia na pesquisa educacional e artística contemporânea, onde a técnica foi vivida em coletivo e a prática foi desenvolvida por atividades experimentais.

O principal objetivo é compreender como as discussões étnico culturais e religiosas permeiam os processos de criação e o ensino das Artes Visuais. Por isso, dividimos a escrita em três partes. A primeira, intitulada “Caminho espiritual/religioso e artístico” relatamos as motivações para a construção das obras “Múltiplas Manifestações I e II”, interligadas as subjetividades para a busca de um novo “eu”, que quer entender a espiritualidade herdada do núcleo familiar e das religiões de origem africana. No segundo tópico “Série Múltiplas Manifestações” detalhamos o processo artístico litográfico que surge das instâncias pessoais e na vivência com o coletivo. No último tópico descrevemos as “Possíveis relações de uma docência artista” com o ensino da litogravura a partir das relações de ensino e de aprendizagem com foco na autobiografia realizadas no Laboratório de Litogravura da UFPE.

1. CAMINHO ESPIRITUAL/RELIGIOSO E ARTÍSTICO

Durante as nossas trajetórias como pesquisadoras em litogravura, transitando também pelas plurais formas de expressão, tais como o desenho e o têxtil,



buscamos o fazer artístico e a formação docente atravessados pelas experiências autobiográficas. A litogravura foi uma descoberta artística durante a trajetória acadêmica e atualmente vem materializando e atendendo as nossas questões internas e imaginárias, abraçando as nossas inquietações desde o desenho até a produção de múltiplos.

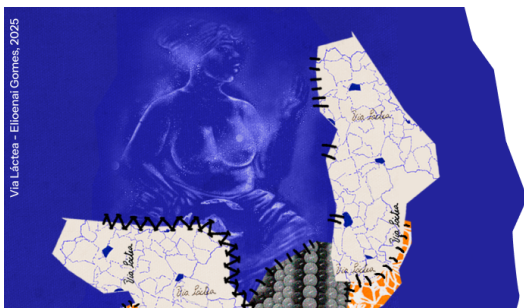
O nosso caminho espiritual/religioso também começou na infância, com ensinamentos católicos rígidos por parte do meio materno, porém, a conexão com este sagrado não nos fazia sentido. Crescidas, nos vimos incompletas, distantes e com certa aversão a falar do meio religioso. Essa redescoberta com a conexão espiritual deu-se recentemente na idade adulta. Cavalcanti (2012, p. 10) reflete que o ser humano “vive em constante mutação de pensamentos e atitudes” e no momento presente, ao entrar em contato com religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, como a Jurema Sagrada e o Candomblé, redescobrimos ligações que transpassam gerações e que dão sentido, agora, à nossa identidade.

Para além das melhorias e redescobertas pessoais, “os elementos e as ideias presentes nas religiões afro-brasileiras são noções que podem ser vislumbradas em outros contextos [...]” (Santos, Seidel, 2020, p. 147), como por exemplo, no debate sobre a importância da valorização da diversidade étnico-cultural na sociedade e educação brasileira.

Paradiso (2010) observa que:

As raízes étnicas, bem como a cultura negra/africana foram preservadas [...] no Brasil, pois o caráter étnico foi perpetuado pelos rituais, pelas músicas, pelas folhas, pela língua, pelos aspectos trazidos de vários lugares da África. A esta fundamentação chamamos de reafrikanização, que vem legitimar um legado cultural do outro lado do Atlântico (Paradiso, 2010, p. 9).

Estes conjuntos étnico-educativos-religiosos atuam como elemento de reverberação e reafirmação de um legado cultural afro-diaspórico. No entanto, não é da nossa narrativa atual trazer questões através da arte sobre os diversos rituais e entidades específicas presentes nas religiões afro-brasileiras, mas sim, externar artisticamente a nossa ligação com o *sentir* que está em um “plano superior”, “oculto”, que nos atravessa agora por uma força ancestral que chamaremos aqui de guias/correntes espirituais.



2. SÉRIE MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES

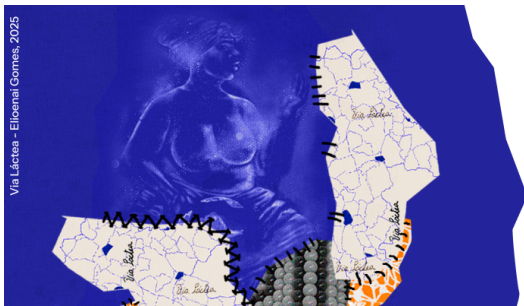
Elaboramos a série “Múltiplas manifestações” em diversas etapas. O primeiro movimento foi pensar uma criação gráfica relacionada à consciência de “si” e do plural no âmbito espiritual. Para isso “os processos de criação interligam-se intimamente com o nosso sensível” (Ostrower, 1987, p. 12) e nesse processo buscamos a vontade de pensar a matéria-corpo e a dimensão da ancestralidade em sua carga simbólica, levando-se em consideração o movimento autobiográfico sobre esse corpo que se torna múltiplo com a espiritualidade. Apoiamo-nos nas palavras de Cavalcanti:

Diante de tantas multiplicidades, de influências tão contraditórias e, às vezes, antagônicas, o ser humano vivencia o dilema de escolher a forma de expressar os seus anseios espirituais, o seu “direito à bricolage”, numa busca pessoal de sentido espiritual, como ser único, à procura de sua identidade sociorreligiosa. A pessoa que produz uma obra artística, seja qual for a linguagem ou a época, se reflete nela, imprimindo características que a retratam, de forma consciente ou inconsciente, desvendando o seu momento de vida, suas questões, seus interesses (Cavalcanti, 2012, p.11).

Procuramos, portanto, na pesquisa e no objeto artístico, diante das pluralidades técnicas-artísticas, investigar a conexão de energias que promovem a expansão do autoconhecimento religioso/espiritual.

Neste contexto, o processo inicial baseou-se no desenho, na linha gestual do rascunho no papel de corpos femininos. A partir da criação de uma figura feminina representando o nosso próprio corpo, começamos a replicar duas vezes com traços distintos sobre a pedra. Essa figura central representa o “eu” físico, material. Trabalhamos com técnica de luz e sombra como preenchimento para diferenciá-la das outras duas figuras que representam o mundo espiritual, os guias. Surge aqui a vontade de se pensar esse corpo não como estático, mas em constante evolução, com suas fronteiras dinâmicas e transpassadas por gerações de cultos ancestrais que culminam em sintonia às crenças de energia espiritual.

O segundo movimento foi a escolha da técnica gráfica. Alice Jorge e Maria Gabriel (2000) descrevem que:



A litogravura é um processo de gravura plana, inventado pelo alemão Aloys Senefelder em 1798. É pois uma técnica de gravura relativamente recente. Senefelder chamou-lhe então o «novo processo de gravar quimicamente». Este termo porém não foi adoptado, e o termo mais corrente passou a ser o de litografia - cuja palavra deriva do grego lithos (pedra) e graphein (escrita) -. Largamente utilizado nos sectores comerciais, teve uma grande expansão também nos meios artísticos desde o século XIX aos nossos dias (Jorge; Gabriel, 2000, p. 127).

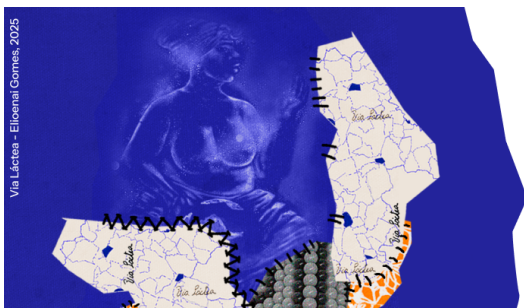
A litografia surge aqui como campo fértil para a reprodução desses múltiplos, sendo o método de gravura que envolve a criação de desenhos sobre uma matriz (pedra calcária) com um lápis ou instrumento gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Ao contrário das outras técnicas da gravura, a litografia é planográfica, ou seja, o desenho é feito através do acúmulo de gordura sobre a superfície da matriz, e não através de fendas, relevos e sulcos como na xilogravura e na gravura em metal.

Figura 1 – Desenho na matriz litográfica, Recife/PE



Fonte: As autoras, 2025.

A gravura entra como técnica indispensável para representar os diversos guias/correntes espirituais que nos acompanham, através da impressão de múltiplas cópias. Durante muito tempo o suporte final da gravura era o papel, mas aqui trabalhamos o tecido por sua viabilidade manual do tecer, costurar, sobrepor linhas e

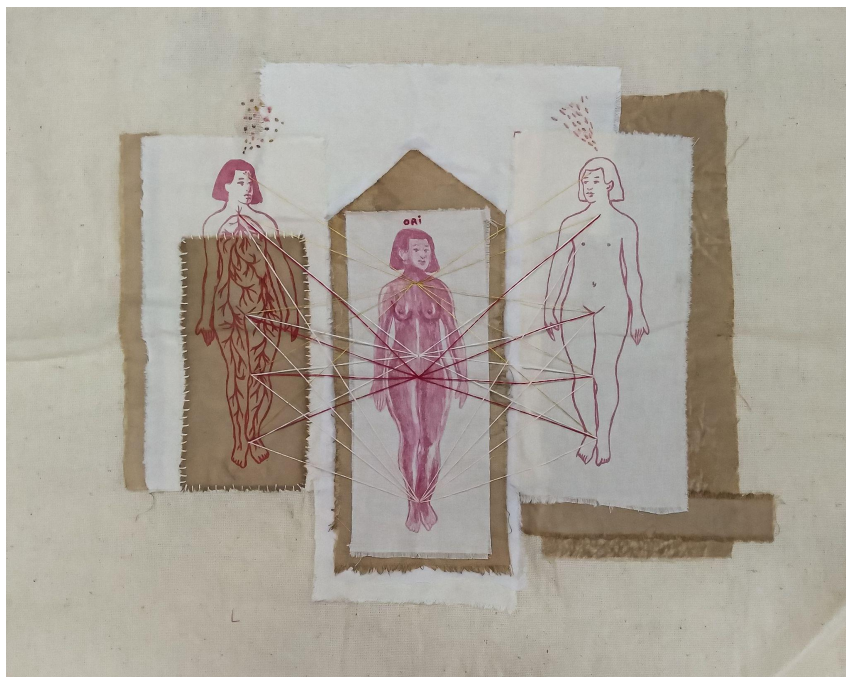


texturas. Cortamos várias tiras do tamanho do desenho e imprimimos grande quantidades no intuito de escolher as três melhores cópias.

Com vista ao desenvolvimento de um discurso estético-artístico-religioso, desenvolvemos uma construção de sentido através da linha. Linha-desenho que associa o ser-matéria à fisicalidade, corpo, veias e artérias. Linha-trama que sugere a ligação tênue entre os centros energéticos do corpo para com a ação do espiritual. A utilização do tecido remete para o conjunto uma configuração orgânica e próxima da pele e das camadas humanas para as múltiplas ligações entre visualidade e visibilidade. Vários fios ligam a peça têxtil da cabeça aos pés dos corpos no processo de fusão, assumindo um sentido que metaforiza a própria transitoriedade da vida com a influência das correntes espirituais na transmissão dessas forças energéticas.

Na obra “Múltiplas Manifestações I” compreende-se que a matéria (corpo central) está em conexão com suas "correntes espirituais " e suas múltiplas manifestações. Para além das impressões, pegamos retalhos de tecidos da época que nossa avó costurava e tingimos, envelhecendo-os para representar a sabedoria ancestral. A coloração avermelhada das figuras e linhas representam a vitalidade e a conexão com a essência mundana. As duas silhuetas que emergem em cada lado da figura central, também impressa em tons de vermelho, evocam a espiritualidade. Elas exibem pequenos pontilhados que emanam da região da cabeça, simbolizando a conexão com o fluxo energético e espiritual. Os fios entre os corpos atuam como tecer de tramas entre as manifestações, são pontes táteis de caminhos da alma e da consciência.

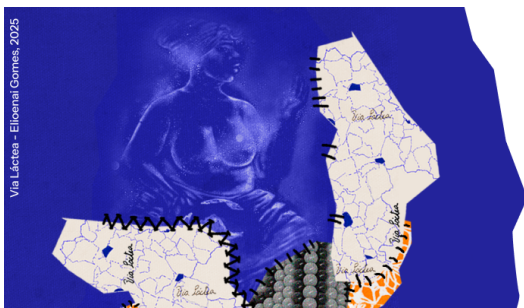
Figura 2 – Obra “Múltiplas manifestações I”, 52 X 52,5 cm, Recife/PE



Fonte: As autoras, 2025.

Como reverberação da primeira obra, realizamos um díptico com a tiragem restante das figuras. A ideia era formar um grande tecido, como uma colcha de retalhos. Costuramos com linha dourada a pluralidade espiritual em grades organizadas, onde cada painel representa corpos físicos e espirituais e suas linhas de caminho e energia. Algumas figuras estão delineadas de forma etérea enquanto outras são preenchidas com texturas e cores mais sólidas para criar o contraste visual. Para reforçar o ritmo visual, a repetição das formas estão em posições variadas, criando a conexão entre o físico e o energético. Cada figura representa assim um portal para os diferentes aspectos da alma humana.

Na obra “múltiplas manifestações II”, o sentido intuitivo e pulsional da composição é gerado a partir da litogravura, bordado e desenho a lápis sobre tecido num processo baseado no diálogo da expansão e evocação das várias temporalidades presentes no campo espiritual que tornam singular cada corrente mediúnica na auto representação. Os múltiplos repetidos exploram a infinidade de caminhos e correntes que emergem no corpo-tecido e compõem-se como ampliação da obra “Múltiplas Manifestações I”, onde é possível “...ir além, com o mesmo



assunto e matéria, até que outras formas surjam a partir da apropriação da anterior, possibilitar o movimento cíclico" (Cavalcanti, 2012, p. 78).

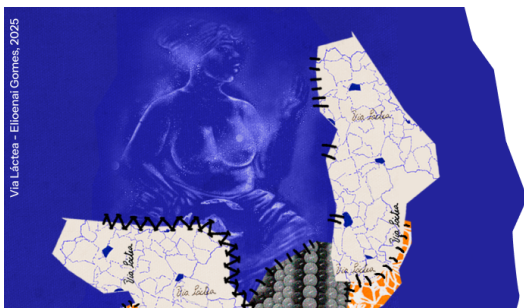
Figura 3 – Obra “Múltiplas manifestações II”, 100 X 74 cm, Recife/PE



Fonte: As autoras, 2025.

3. POSSÍVEIS RELAÇÕES DA DOCÊNCIA ARTISTA

O Laboratório de Litogravura da UFPE encontra-se no Centro de Artes e Comunicação (CAC) desde 1995 e, atualmente, desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão sob responsabilidade do Departamento de Artes. Como principal ação, desde 2020 o laboratório registra e publica os processos técnicos e artísticos da litogravura, bem como preserva e conserva o maquinário, instrumentos, técnicas e obras do espaço, tornando-se referência nacional e internacional em virtude do legado da reconhecida Oficina Guaianases de Gravura (1974-1995) e das



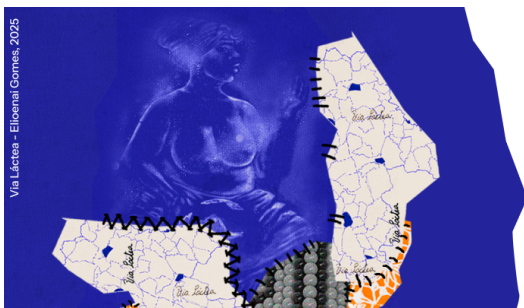
ações atuais de democratização do acesso à arte e formação de professores artistas no campo da gravura. Nos últimos cinco anos (2020-2025) tem sido cenário de inúmeras reconfigurações sobre as perspectivas de ensino e de aprendizagem, bem como nos processos expandidos de criação e experimentações que se cruzam com outras linguagens da Arte. Para além dos procedimentos técnicos, as ações do Laboratório visam um trabalho artístico/pedagógico centrado nas narrativas imagéticas autobiográficas que transbordam para a coletividade.

Nesse âmbito, “O ateliê pode ser considerado o locus ideal para o desenvolvimento das artes plásticas e para a sua aprendizagem” (Lara; Torres, 2019, p. 6). As/os estudantes e extensionistas que frequentam o Laboratório possuem algum conhecimento em áreas artísticas como gravura, desenho e/ou pintura.

Durante as práticas e experimentações, conversamos sobre possíveis narrativas para o trabalho gráfico, trazendo como tema questões religiosas/espirituais que reverberassem com cada um e assim, como pontua Lara em Torres (2019, p. 18) “o convívio com a produção de obras de diversas técnicas trabalhadas em um mesmo espaço contribuiu para o desenvolvimento de processos poéticos...” de cada participante.

O conhecimento litográfico é sempre passado por alguém que já experienciou a prática no laboratório e assim sucessivamente, quem aprendeu ensinará aos novos participantes. E, diante dos vários processos da litografia, sempre recomendamos a anotação do passo a passo, sendo mais uma forma de fixar a prática. A maioria dos processos pedem também o auxílio de mais de uma pessoa, por isso, sempre dividimos o trabalho em ações colaborativas, como o momento da limpeza das pedras, impressão e cuidado/organização do laboratório. Os participantes demonstram interesse a todo momento e as dúvidas que surgiam eram respondidas durante o processo e ao final do dia, para possíveis anotações.

Pensando no tempo do curso e no peso das pedras, utilizamos matrizes de pequeno formato para experimentação. As dificuldades encontradas no primeiro momento para alguns dos participantes foi o manuseio com o material de desenho, como o crayon, por seu formato pouco anatômico e diferente de um lápis, mas, com



o treino e uso em papel de rascunho antes de ir para a pedra, tornou-se mais familiar o uso do material.

Em relação aos processos educacionais temos como base as perspectivas auto biográficas. Por essa razão sempre compartilhamos histórias e narrativas de si como estopim para os processos de criação. Como relata Lúcia Pimentel:

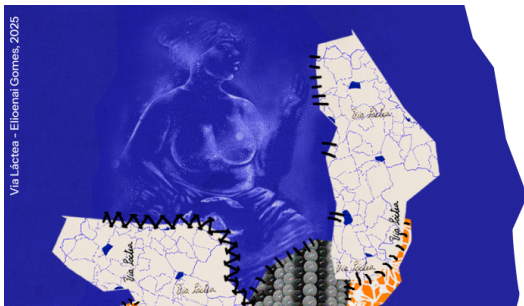
A narrativa de si não é relato do que se passa com alguém, mas a construção de como o sujeito se percebe e se apresenta; é um processo contínuo que não se fixa em um papel ou em um arquivo digital, não é somente um discurso, mas algo que deixa marcas e memórias em fluxo. Mais que escrever ou gravar palavras e sons, é firmar compromissos de vida consigo mesmo e com quem compartilha sua vida (Pimentel, 2017, p. 309).

A partir do momento em que abrimos este espaço para externar um pouco do “eu” e de nossas vivências, as nossas narrativas podem ressoar com a realidade do arte/educando que, em sequência, se sentirá livre para compartilhar de forma significativa e artística sua própria narrativa, realizando assim uma retroalimentação no processo de construção metodológica de ensino/aprendizagem. Neste contexto, “essas [...] ações são impulsionadas por um sujeito individual em compartilhamento com o sujeito coletivo, ora o individual sendo o impulsionador, ora o coletivo preponderando” (Pimentel, 2017, p. 308).

Acompanhar esse caminhar artístico do outro através da nossa pesquisa como artista-docente-pesquisadora revela como é potente a construção de conhecimento em arte através de investigações autobiográficas e suas amplas reverberações coletivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa percorremos caminhos que nos instigaram e desafiaram a expandir o processo de criação artístico de um técnica tão tradicional quanto a litogravura. O laboratório, sendo espaço de ensino, promove ações que integram e fazem a técnica permanecer viva nos dias atuais. O fazer, ensinar, criar estão intimamente ligados e são perpassados no espaço educativo de forma que o pensar seja significativo para o fazer expressivo artístico.



A série “Múltiplas Manifestações I e II” alimentou-se de corpo e pensamento, vivência e expressão. São obras ainda em progresso e permeiam a litogravura e o têxtil como expansão gráfica. Pensamos aqui que o investigar espiritual como narrativa de si/autobiográfica pode ser fonte potente na formação do docente artista. Ao abranger também nossas vivências como personagem ativo do processo de criação em intencionalidades educacionais, conseguimos explorar campos de pesquisa etnico-culturais-religiosos que interferem diretamente no fazer artístico e no fazer docente.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Ana Elizabeth Lisboa Nogueira. *Arte como prece: a religiosidade no trabalho de quatro artistas pernambucanos*. Recife: Gráfica Santa Marta, 2012.

JORGE, A.; GABRIEL, M. *Técnicas da Gravura Artística: Xilografia, Calcografia, Litografia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processo de criação*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PARADISO, Silvio Ruiz. Educação, literatura, diversidade étnico-cultural e religiões afro-brasileiras: o diálogo possível. *Revista Interletras* (Dourados), v.2: n.13, 2010.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte*. Revista GEARTE, [S. l.], v. 4, n. 2, 2017.

SANTOS, Vanessa Silva dos; SEIDEL, Roberto Henrique. Confluências e Pluripotencialidades das Religiões Afro-Brasileiras. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão-SE, v. 34, n. 1, 2020, p. 137-152.

TORRES, Renato; LARA, Priscila. A vivência no ateliê como parte do processo de formação docente em Artes Visuais. *Revista Tuiuti*, 2019. Disponível em: <<https://interin.utp.br/index.php/h/article/view/2322>>. Acesso em: 17 jul 2025.